

O narrador benjaminiano e o narrador de viagens: convergências e dissonâncias

RUAN FELLIPE MUNHOZ*

Resumo: O presente artigo expõe uma leitura do relato *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico*, publicado em 2002, pelo espanhol Javier Nart. Essa obra apresenta uma visão (ou revisão) de Brasil, que será analisada aqui com base nas imagens produzidas pelo narrador que observa a terra visitada através de um referencial pessoal, traduzido por viagens realizadas anteriormente e por pessoas encontradas pelo caminho. Para tanto, utilizamos as considerações de Walter Benjamin (1994) como fundamentação teórica principal, tentando entender como o narrador benjaminiano tradicional dialoga com o narrador de viagens na construção do discurso narrativo.

Palavras-chave: Narrador; Relato de viagens; Walter Benjamin; Javier Nart.

The benjaminian narrator and the travel narrator: convergences and dissonances

Abstract: This article exposes a reading of the report *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* (2002), by the Spanish Javier Nart. The Traveler presents a vision (or revision) of Brazil which will be analysed here based on the image produced by the narrator, who observes the visited land through his personal reference, a translation of previously made trips and people found along the way. To this end, we will use the text "The Storyteller", by Walter Benjamin, as main theoretical foundation, trying to understand how Benjamin's work dialogues with Nart in building the narrative discourse.

Key words: Narrator; Travel report; Walter Benjamin; Javier Nart.



* RUAN FELLIPE MUNHOZ é doutorando pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

O ato de viajar atravessa a história e a consequente produção narrativa sempre funcionou como mecanismo útil para transmitir novas experiências. Tanto a viagem física quanto as viagens produzidas no interior do sujeito proporcionam uma representação do desconhecido por meio da palavra. Diante disso, propomos, neste artigo, uma leitura do relato intitulado *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico*¹, publicado em 2002 pelo escritor, advogado, antigo correspondente de guerra, fotógrafo e político Javier Nart. O percurso desse viajante espanhol tem início no município de Bonito, situado no estado do Mato Grosso do Sul, chegando até a ilha de Fernando de Noronha, arquipélago brasileiro localizado no estado de Pernambuco.

Narrada em primeira pessoa, a obra expõe uma tradução de Brasil revelada pelo contato entre mundos, entre a cultura europeia e a brasileira. Nesse contexto, buscamos discutir a forma como essa voz conta o que vê, entendendo que toda a imagem por ela desenhada advém da realidade visível, da sua subjetividade e da ideologia eurocêntrica que o atravessa. Para tanto, trabalhamos a definição do conceito de viagem apresentada por Ianni (2003), a consequente produção do relato de viagens discutida por Carrizo Rueda (2008), as relações subjetivas entre o sujeito e o discurso por Belsey (1982) e as considerações realizadas por Benjamin (1994) a respeito do narrador tradicional, teoria utilizada para analisar o narrador do relato escolhida e para entender como

essa voz se aproxima e como se distancia do postulado pelo estudioso alemão.

O narrador benjaminiano e o narrador de viagens

A “arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1994, p. 197). Com essa premonição um tanto quanto pessimista, o teórico alemão Walter Benjamin inicia o seu texto intitulado “O narrador”, publicado pela primeira vez em 1936, na obra *Magia e Técnica, Arte e Política*, expondo o seu pensamento e sentimento em uma época em que situações extremas como a guerra levaram a um emudecimento das pessoas em geral. Diferentemente do que o título de seu trabalho pode levar a acreditar, o estudioso não trabalha com o conceito de narrador genérico, mas com o narrador da tradição oral, capaz de transmitir experiências e ensinamentos aos seus interlocutores.

O período entre guerras no qual Benjamin produziu sua obra foi marcado por sucessões de traumas e pela consequente perda da prática narrativa, fato que também modifica o contato do receptor com o texto. Nesse sentido, o autor explicita que “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1994, p. 203), evidenciando a sua preocupação com os textos informativos que apresentam objetivamente todas as informações importantes aos leitores, enquanto a narrativa deixa o receptor livre para interpretações pessoais.

“A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (1994, p. 198). Com base nessa afirmação, percebemos que o autor valoriza a transmissão oral e, ao exaltar essa prática, defende que a literatura escrita precisa se assemelhar às narrativas tradicionais para adquirir

¹ Não existe uma versão da obra em língua portuguesa, por esse motivo todas as traduções citadas neste trabalho são de nossa responsabilidade.

maior valor. O objetivo central desse narrador benjaminiano é relatar as suas experiências a partir de vivências anteriores relatadas por viajantes ou por pessoas locais que, sem sair do seu país, conhecem suas histórias e podem transmiti-las a outras pessoas. Esses dois narradores arcaicos são exemplificados por Benjamin como “camponês sedentário, e outro pelo marinhaio comerciante” (BENJAMIN, 1994, p. 199), ressaltando a qualidade estática de um, comparada ao dinamismo do outro.

Essa característica mediadora do narrador benjaminiano é também uma das características centrais do relato de viagens. Carrizo Rueda (2008), ao definir esse gênero, explica que ele “se refere à categoria em que se inscrevem memórias que proporcionam uma série de informações sobre um percurso por certos territórios²” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 10). Podemos perceber que a crítica destaca o deslocamento do viajante pelo espaço, porém precisamos indicar que essa não é a única viagem possível de ser realizada.

Nesse contexto, Ianni (2003) discute o conceito de viagem de forma ampla, apresentando sentidos metafóricos para esse termo tão utilizado nas ciências sociais e humanas, dando ênfase ao caráter transgressor desse ato que, literal ou metaforicamente, destina-se a ultrapassar fronteiras, seja recriando-as ou dissolvendo-as. Além disso, o estudioso explica que

Sem sair do lugar, pode-se viajar longe, no tempo e no espaço, na memória e na história, no pretérito e no futuro, na realidade e na utopia. E são muitos os que mergulham em si mesmos, como em uma travessia

sem fim, podendo ser tranqüila ou alucinada, deslumbrante ou desesperada’ (IANNI, 2003, p. 29).

Em uma análise histórica simples, podemos observar que o relato de viagens constitui uma prática que atravessa os séculos. Os mais diversos povos sempre buscaram (e ainda hoje buscam) representar, por meio de palavras, as suas aventuras por lugares desconhecidos, as peripécias dos colonizadores, o exílio, a busca por um espaço de sonho, a fuga para os problemas. Carrizo Rueda (2008) resalta o caráter híbrido desse gênero e a impossibilidade de separar o documental dos recursos atribuídos à literariedade, característica que dificulta o reconhecimento imediato e a classificação dos textos dessa categoria, tendo em vista que tudo o que é observado passa pelo crivo de quem observa, tudo o que é transmitido é representação e não uma realidade objetiva e concreta. Em outras palavras, todo discurso produzido por um indivíduo não é totalmente transparente, ele apresenta uma sequência de dados que visam atingir determinado objetivo, uma ação que, mesmo inconsciente, transmite uma ideologia:

O que é verdade não é, no entanto, toda a verdade. A ideologia obscurece as condições reais de existência, apresentando verdades parciais. É uma série de omissões, com mais lacunas do que mentiras, atenuando as contradições, parecendo fornecer respostas a perguntas que na realidade ilude e disfarçando-se de coerência, no interesse das relações sociais geradas por e necessárias à reprodução do modo de produção existente (BELSEY, 1982, p. 65).

O objetivo de todo discurso ideológico é atingir o sujeito. Isso acontece pela conservação e reprodução dessas práticas

² “se refiere a la categoría en la que se inscriben memorias que proporcionan una serie de informaciones sobre un recorrido por ciertos territorios” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 10).

por diferentes instituições da sociedade. Belsey, utilizando-se dos pressupostos levantados por Louis Althusser, “inclui a literatura no aparelho ideológico que contribui para o processo de reprodução das relações de produção, as relações sociais que são a condição necessária para a existência e perpetuação do modo de produção capitalista” (BELSEY, 1982, p. 63). Sendo assim, podemos afirmar que a literatura, como um dos empregos mais persuasivos da língua, detém grande poder sobre as pessoas, afetando a forma como elas se veem e como se apresentam em comunidade.

Parece conveniente acrescentar que o relato proporciona a aproximação entre narrador e o seu leitor, ou, melhor dizendo, entre o indivíduo que percorre determinado espaço e vive as especificidades do local visitado e o indivíduo que acompanha e se insere nessas viagens através da leitura. A esse respeito, Carrizo Rueda (2008) informa que “O receptor confronta a leitura do texto com o seu próprio contexto e pode encontrar respostas, ideias novas, elementos revulsivos, confirmações de uma postura já tomada, etc., etc.”³ (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 27), tudo isso faz com que as expectativas, as preocupações, os questionamentos, os elementos imaginários, as inquietudes e os temores levantados pelos leitores sejam atendidos.

Para atingir esse objetivo, os escritores devem selecionar elementos para a construção de um discurso persuasivo centrado em descrições ricas em adjetivos, buscando ao mesmo tempo informar e aproximar o leitor do lugar visitado. Essa trama subordinada às

descrições auxiliará a construção da verossimilhança, possibilitando o pacto comunicativo entre o narrador e o receptor, pois é através da adjetivação que se revela uma imagem do espaço percorrido, mostrado muitas vezes de forma supervalorizada, mas sempre com o objetivo de transmitir uma verdade ao interlocutor.

Para Benjamin, outro fator que colabora para o declínio da narrativa oral é o nascimento do romance, juntamente com o período moderno, além do surgimento da burguesia, a ascensão e a fortificação do capitalismo. Ao contrário da épica, o romance não “procede da tradição oral nem a alimenta” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Esse novo gênero se afasta do modelo ideal proposto pelo crítico, já que o narrador do romance não insere suas experiências na sua produção, não absorve ensinamentos e também não consegue transmiti-los. Nessa concepção, o romance é feito da individualidade do romancista que se afasta da memória coletiva e, conseqüentemente, do passado. Esse escritor segregado irá produzir uma obra baseada na sua memória individual que será destinada ao leitor solitário que busca um momento de prazer na vida.

Benjamin considera ideal o narrador dos contos de fadas, aquele que ensinou adultos por muito tempo e que passou ensinar crianças a como lidar com os seus problemas, valorizando a capacidade humana de refletir, de inserir-se no contexto da narrativa e aprender a partir dos conselhos transmitidos. Então, esse narrador é exaltado como uma espécie de divindade e o seu dom está no ato de aconselhar, baseando-se em suas próprias experiências e nas experiências alheias para produzir um ensinamento moral, fazer uma sugestão, uma indicação importante para o desenvolvimento do seu receptor.

³ “El receptor confronta la lectura del texto con su propio contexto y puede encontrar respuestas, ideas nuevas, elementos revulsivos, confirmaciones de una postura ya tomada, etc., etc.” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 27).

Diante do exposto, podemos fazer um paralelo entre o romance definido por Benjamin e o relato de viagens que serve como base para as discussões neste trabalho. Primeiramente, percebemos que, em ambos os gêneros, os escritores utilizam a realidade individual como ponto de partida para a criação artística, formulando, dessa forma, representações do real que se afastam apenas pelo nível de ficcionalidade, maior no romance em comparação com o relato.

Em segundo lugar, diferentemente do romance, o relato de viagens precisa transmitir as experiências do narrador. Com isso, ele apresenta também objetivos morais e políticos ao se colocar como discurso persuasivo em situações que desperte algum interesse no locutor, já que por meio dele é possível oficializar uma história. Contudo, é importante ressaltar que essa característica nada tem a ver com o caráter moralizante da tradição oral, já que o narrador de viagem, mesmo apresentando suas percepções do espaço visitado, não tem como objetivo conduzir ensinamentos ao público.

Também em oposição ao romance, o relato de viagens não permite o desenvolvimento de possíveis desenlaces, pois todas as histórias apresentadas são utilizadas como elementos para atrair a atenção do receptor que compartilha percepções com o narrador para criar uma imagem do espaço, em vez de buscar possíveis resoluções para problemas levantados na trama. Assim, podemos concluir que para esse gênero o trajeto é mais importante do que a chegada.

O narrador em *Viaje al outro Brasil*

Considerando o que foi discutido anteriormente, podemos iniciar a análise do relato de viagens de Javier Nart, intitulado *Viaje al outro Brasil: Del mato*

Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico, publicado em 2002. O autor, além de escritor, é advogado, antigo correspondente de guerra, político e, especificamente nessa obra, apresentará uma narrativa sobre seus deslocamentos pelo centro-oeste, norte e nordeste brasileiro, inaugurando suas aventuras pelos relatos de viagens.

As viagens têm início no município de Bonito, Mato Grosso do Sul, onde o espanhol começa a sua caminhada de quarenta dias, juntamente com a sua filha Laia, até a turística ilha de Fernando de Noronha. Nessa primeira parada, Nart descreve a cidade como um vilarejo, uma fileira de casas, poucas ruas e uma praça, onde se localiza a prefeitura, o banco e o coreto, lugar de reuniões e festas locais. Diante dessa realidade simples, a natureza local merece destaque, juntamente com a descrição de aspectos cotidianos e estranhos para esse estrangeiro, como, por exemplo, a refeição feita em um rodízio, cercada de frutas, café e cachaça, produto esse “que te reconcilia contigo mesmo e com o mundo⁴” (NART, 2002, p. 25). Todos esses aspectos são importantes, pois evidenciam as diferenças culturais estabelecidas entre o visitante e o visitado.

A segunda parada do turista é o Pantanal mato-grossense, região composta de duzentos e trinta mil quilômetros quadrados de extensão que abriga um dos maiores ecossistemas existentes na Terra. Esse território, constituído de espaços permanentemente inundados e de lugares marcados pela mínima fluidez da água, é descrito como limpo e suas belezas naturais são ressaltadas, mesmo com a diagnosticada invasão agropecuária na região. Um verdadeiro jardim de vegetação e vida. Fica evidente que o

⁴ “que te reconcilia contigo mismo y con el mundo” (NART, 2002, p. 25).

narrador em primeira pessoa apresenta o seu ponto de vista pessoal sobre a paisagem e os problemas socioambientais presentes no espaço visitado. Essas descrições não são ingênuas, mas construídas a partir de fatores da subjetividade desse indivíduo que seleciona informações no seu acervo pessoal para apresentar uma visão eurocêntrica que minimiza os problemas da terra visitada ao exaltar prioritariamente as suas belezas.

Passando por Campo Grande, a capital do estado de Mato Grosso do Sul, “setecentos quilômetros de rodovia perfeitamente asfaltada”⁵ (NART, 2002, p. 77) e doze horas depois, entre o verde e as vacas, a dupla chega a Cuiabá. A cidade pouco tem a oferecer à narrativa, mas serve como caminho para se chegar até a Chapada dos Guimarães, imenso lugar elevado que chama a atenção pelas cachoeiras e pelo verde da natureza, elementos selecionados pelo narrador para reiterar a visão idealizada do ambiente destinado ao turismo e ao deleite.

Ainda apresentando o Brasil pelo olhar eurocêntrico, o narrador começa a descrever Poconé, cidade a noventa quilômetros de Cuiabá, com base nas riquezas presentes entre a vegetação rasteira e as minguidas árvores do Pantanal. Nesse espaço, em um passeio feito em dorso de animal, são observados diferentes tipos de aves, macacos, serpentes, formigas, capivaras, quatis, piranhas, jacarés aterrorizantes e sentiram na pele o poder dos carrapatos. Dessa forma, percebemos que mesmo o exotismo e os possíveis perigos não afetam a visão desse narrador que se retoma imagens pré-concebidas das riquezas naturais brasileiras e transmite essa mesma ilusão para o seu público.

⁵ “setecientos kilómetros de carretera perfectamente asfaltada” (NART, 2002, p. 77).

Mais adiante, navegando pelo Rio Madeira, quatrocentos quilômetros de extensão de águas cor café com leite, passando por São Antônio de Borba, o narrador vai incluindo dados sobre a região. Informa que o rio Amazonas é formado por dois principais afluentes: as águas terrosas do Solimões e as limpas e escuras águas do Rio Negro. Manaus nasce da confluência desses dois rios e cresce tendo as grandes metrópoles europeias como espelho, porém, de acordo com o narrador do texto, esse desenvolvimento se deu por meio do sofrimento, do suor e das lágrimas dos trabalhadores herdeiros dos *Manaos*, indígenas exterminados para a construção da cidade que, no passado, era o centro de comercialização da borracha retirada por seringueiros semiescravidados e produto que fez prosperar os seringalistas e a região.

Retomando o contexto histórico e apresentando uma perspectiva acerca do glorioso ciclo da borracha na Amazônia, o narrador busca em seu acervo pessoal, construído a partir das leituras prévias, para articular essas informações às que recebe de pelo caminho, visando à construção de uma narrativa que é apresentada como oficial, única e indiscutível. Essa estratégia é uma tentativa de dar consistência científica ao texto, fazendo com que o público mergulhe no que está sendo apresentado, lembrando que esse pacto comunicativo entre autor/escritor e leitor/público é necessário em todo texto literário.

A conexão entre Manaus e São Luís, “dois mil e quinhentos quilômetros em salto aéreo”⁶ (NART, 2002, p. 283), não merece a atenção do narrador. Assim, fica evidente que o viajante seleciona os espaços que farão parte da sua rota, evidenciando o caráter turístico da sua

⁶ “dos mil quinientos kilómetros em salto aéreo” (NART, 2002, p. 283).

viagem e a consequente expressão literária do seu relato. Porém, ao chegar à capital do Maranhão, o viajante percebe a influência da cultura negra na região, diferentemente do mundo amazônico, composto majoritariamente por brancos e mestiços. Nesse momento é interessante observar que o indígena é ocultado da descrição. Essa desmoralização é também efeito da visão desse narrador que se apresenta como autoridade, mas que não entende e nem respeita a constituição biológica e cultural dos habitantes da região visitada.

Após breve passagem por um dos principais cartões postais do Brasil, os Lençóis Maranhenses, o viajante segue para Fortaleza, capital do Ceará, onde avista belas paisagens naturais ao som do forró que, segundo ele, move o Brasil. Tentativas frustradas de definir um gigante e complexo país miscigenado. Voltando à viagem física, resta ainda um passeio de *Buggy* pelas praias natalenses, antes de fazer a última parada, em Fernando de Noronha, o paraíso isolado e protegido que se encontra no meio do oceano atlântico.

Importante evidenciar que dois fatores motivam (ou influenciam) essa viagem física de Javier Nart ao Brasil. O primeiro deles foi o relato produzido por um dos seus irmãos, que anos antes fora contratado por uma agência especializada da ONU para analisar porcos na Bolívia e, após o término do trabalho, partiu para o Brasil decidido a “trocar os leitões bolivianos pelo mítico e esplendoroso biótopo de mulatas que qualquer espanholzinho que se preze associa de maneira automática com esse país-continente que é o Brasil⁷” (NART, 2002, p. 11).

⁷ “cambiar los gorrinos bolivianos por el mítico y esplendoroso biotopo de mulatas que cualquier españolito que se precie asocia de manera

Portanto, o viajante é motivado por uma ação produzida e relatada anteriormente por outro narrador que se coloca na posição de autoridade e, ao transmitir sua mensagem, consegue convencer seu interlocutor a também viajar. Essa narrativa anterior produziu o efeito esperado: colocou Nart em contato com a experiência narrada e produziu nele a vontade não apenas de fazer o trajeto feito pelo irmão, mas, principalmente, de contar suas viagens em forma de narrativa escrita, transformando sua experiência pessoal em narrativa publicável em livro.

O mesmo acontece com o segundo fator de interesse do viajante, dado a partir da figura histórica de Marechal Cândido Rondon, militar famoso por sua excursão pelo interior do Brasil e por manter uma boa relação com os grupos indígenas que encontrou pelo caminho.

Meu propósito era percorrer a fronteira ocidental do Brasil seguindo a rota mítica de um personagem que sempre me fascinou: o marechal Cândido Rondon, militar, explorador, filósofo, humanista e protetor dos índios, que [...] havia percorrido no início do século milhares de quilômetros de floresta, selva e rios inexplorados entre o Paraguai e o Amazonas⁸ (NART, 2002, p. 12).

A viagem de Marechal Rondon é apenas uma dentre inúmeras que recheiam a história da humanidade. Diferentes pessoas se deslocaram e ainda se deslocam sobre determinado espaço,

automática con ese país-continente que es Brasil” (NART, 2002, p. 11).

⁸ “Mi propósito era recorrer la frontera occidental de Brasil siguiendo la ruta mítica de un personaje que siempre me fascinó: el mariscal Cândido Rondón, militar, explorador, filósofo, humanista y protector de los indios, que [...] había recorrido a principios de siglo miles de kilómetros de selva, jungla y ríos inexplorados entre Paraguay y el Amazonas” (NART, 2002, p. 12).

motivados por diversos fatores, especificados de acordo com o objetivo de cada um. De toda forma, essa prática permite que o indivíduo entre em contato com o que sabe e com o que não sabe, o conhecido e o desconhecido, o real e o imaginário, o novo e o antigo, tradições e aspectos da modernidade. Essas experiências transformam-se em um relato de viagens que é repassado a um ouvinte/leitor. É esse narrador que Benjamin descreve como *marinheiro comerciante*, afinal “Quem viaja tem muito o que contar” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Outro artifício descritivo utilizado nos relatos de viagens é a apresentação dos personagens encontrados pelo caminho. As histórias vividas e reunidas por meio do discurso oral ou escrito apresentam novos elementos para descrever o espaço percorrido, aspecto que funciona também como estratégia de persuasão, juntamente com as descrições da paisagem, da fauna, da flora, dos edifícios, dos costumes, dos objetos, das curiosidades dos personagens. Sendo assim, as viagens iniciais, recolhidas no caminho e selecionadas durante a vida do narrador, servem como base para a produção de outras viagens e outros relatos.

Esse tipo de narrador é descrito por Benjamin a partir da figura do *camponês sedentário*, um sujeito “que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1994, p. 199). Esses discursos são inseridos na narrativa como a voz de pessoas especializadas, detentoras de conhecimento em determinada área do saber e que, por esse motivo, pode emitir determinadas opiniões que em tese não podem ser contestadas.

No caso de Nart, apesar dos artifícios utilizados para dar credibilidade ao seu relato, fica evidente que a motivação do

viajante é meramente turística, dada a representação do Brasil como um lugar idílico. Trata-se de uma viagem atravessada pela curiosidade, pelo exótico, pelo passível de contemplação e deleite. Os aspectos estereotipados da nossa natureza, cultura e sociedade são elevados ao nível dos olhos do viajante, deixando-o cego: nada é visto além do que já é conhecido e reconhecido como parte do Brasil e do povo que constitui essa nação.

Isso pode ser explicado, porque, na viagem, a distância geográfica ou cultural configura o olhar do viajante. O *eu* se apresenta como norma e sua cultura é valorizada como superior às outras, enquanto o povo visitado é mostrado como distante e menos valorizado: “todos julgam a partir do seu campanário e condenam os estrangeiros para poder glorificar a si mesmos⁹” (TODOROV, 1993, p. 25).

Nesse contexto, percebemos que, mesmo mostrando algum empenho para entender que o Brasil é um país de contrastes, Nart não consegue concretizar, em sua narrativa, a ideia de que não se pode falar de um Brasil no singular, que nesta terra reina a diversidade de raças, culturas, crenças e desafios sociais. Fica evidente a reprodução de estereótipos construídos historicamente e consagrados pela mídia nacional e estrangeira. Então, todas as imagens oferecidas por esse narrador apresentam a visão de um homem-europeu-colonizador ao descrever a paisagem como admirável e passiva.

O objetivo do viajante é atender as suas necessidades pessoais e, por esse motivo, não consegue fugir do senso comum, da descrição superficial, e apresenta uma imagem superficial que não abrange a

⁹ “Todos juzgan a partir de su campanario y condenan a los extranjeros para poder glorificarse a si mismos” (TODOROV, 1993, p. 25).

pluralidade brasileira. Isso evidencia que não basta viajar e fazer uso de um olhar privilegiado para produzir um relato consistente e verossímil, é necessário um olhar atento, crítico e paciente para compreender as especificidades da região e poder narrar algo necessário para o receptor, algo que o fará refletir e, conseqüentemente, promover mudanças no seu olhar para o *outro* e na sua própria vida.

Considerações finais

A narrativa de viagens pode apresentar em sua estrutura algumas características ideais na visão de Benjamin, como o olhar coletivo para uma sociedade da qual o viajante não faz parte e que busca construir uma imagem que se aproxime da realidade, refletindo aspectos socio-político-culturais da região visitada com o intuito de transmitir um ponto de vista transfigurado como verdade.

Porém, mesmo somando em si as duas figuras de narrador apresentadas pelo teórico alemão na famosa obra utilizada como base teórica para este artigo, a narrativa de Nart não consegue cumprir a sua função, não é capaz de transmitir uma mensagem sólida que possa afetar positivamente a vida do seu receptor. Dessa forma, é possível concluir que não basta recorrer a experiências transmitidas de pessoa para pessoa para se construir uma narrativa que atenda às necessidades do seu público. É necessária uma visão crítica, atenta e paciente para se transmitir um ensinamento, uma experiência, uma sugestão. Ou seja, é importante que o narrador faça bom uso da sua posição privilegiada para atingir de maneira efetiva o seu interlocutor.

Por fim, é preciso evidenciar que não temos a intenção de encerrar definitivamente as discussões a respeito do conceito de narrador, tampouco sobre o relato de viagens. Objetivamos,

somente, discutir a maneira como a voz do viajante é apresentada, com base na teoria postulada e reconhecida de Walter Benjamin (1994), analisando aspectos comparativos e relevantes entre o narrador benjaminiano e o narrador apresentado no relato escolhido como base para esse trabalho. A partir disso, podemos refletir a construção da imagem de Brasil e dos seus habitantes transmitida por Javier Nart, colaborando para a possível desconstrução de estereótipos imensamente disseminados sobre esta terra.

Referências

- BELSEY, Catherine. *A prática crítica*. Tradução: Ana Isabel Sobral Carvalho. Porto: Edições 70, 1982.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARRIZO RUEDA, Sofía M. (ed.). *Escrituras del viaje: Construcción y Recepción de "Fragmentos de Mundo"*. Buenos Aires: Biblos, 2008.
- ESTEVES, Antonio Roberto; ZANOTO, Sérgio Augusto. (Orgs.). *Literaturas de viagem viagens na literatura*. Assis: Triunfal gráfica e editora, 2010.
- IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- NART, Javier. *Viaje al otro Brasil*. Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico. Madrid: Punto de lectura, 2002.
- TODOROV, Tzvetan (1983). *A conquista da América*. A questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TODOROV, Tzvetan. El viaje y su relato. In: *Las morales de La historia*. Trad. Marta Beltrán Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993.

Recebido em 2019-01-12
Publicado em 2019-07-04